

Perguntas para o profissional

Entrevistador: Rafael Augusto Pereira Rodrigues

Nome: Guilherme Bazaglia de Souza

1. Qual a influência da tecnologia no desenvolvimento de uma pessoa com TEA hoje?

R: Isso depende bastante, pois qual parte do desenvolvimento estamos falando, se é o desenvolvimento cognitivo, alguma área da cognição específica como atenção, memória. Depende muito do que você esteja falando no desenvolvimento. No geral, o que eu percebo o que eu percebo é que algumas crianças principalmente aquelas que têm hiper foco elas se dão muito bem com o uso de jogos digitais e tudo mais, isso é bastante interessante. Quando a gente observa uma criança com TEA que tenho uma interação com a TV, YouTube, streaming e tudo mais, geralmente é a gente percebe que ela consegue desenvolver repertórios a partir dessas influências, então a gente consegue perceber ali um de um desenvolvimento de habilidades sociais, que muitas vezes é ínfimo, mas é alguma coisa e a gente pode notar isso é através da influência tecnológica.

2. A tecnologia ajuda no diagnóstico de uma pessoa com TEA?

R: Basicamente não, hoje o diagnóstico é feito através da clínica é o que a tecnologia pode ajudar nesse quesito é desenvolver instrumentos de rastreio por exemplo, é questionários que a gente consiga levar para mais pessoas, como por exemplo na escola, para outros familiares que não conseguem ir até a seção, ou o profissional da saúde não tem acesso. A tecnologia ela pode auxiliar nisso, mas o diagnóstico ele não é fechado ou não existe ainda alguma escala que que sinalize a um possível TEA na criança, existe alguns indicadores de escalas e tudo mais, mas quando a gente para pensar no raciocínio clínico, a clínica é a principal nesse esse conjunto para fechar o diagnóstico inclusive a neuropsicologia ajuda bastante.

3. Quando falamos sobre um aplicativo para ajudar no desenvolvimento, como profissional, como você imagina que esse aplicativo seria?

R: Tem um pessoal que desenvolve ou que trabalha com esses tipos de aplicativo em pesquisa básica, pessoal da UFSCar trabalha com equivalência de estímulos, trabalha algumas com alguns aplicativos desenvolvidos pela pelos próprios pós-graduandos que trabalham o ensino de leitura, o ensino de fala para crianças com teia ou com deficiência intelectual, então basicamente o modelo que eu imaginaria que seria esse aplicativo não seria em formato de jogo, seria muito mais dentro de um contexto de equivalência de estímulos.

4. Cite jogos e atividade que os profissionais podem desenvolver para poder ajudar no desenvolvimento de uma pessoa com TEA.

5. Qual a relação das cores com a pessoa com TEA?

R: Não ficou muito claro essa questão, o que a gente sabe é que a criança com TEA tem uma hipersensibilidade a estímulos, então muitos estímulos destoantes um do outro acaba atrapalhando bastante no foco e no desenvolvimento de algumas tarefas

6. Qual o período de adaptação indicado para determinar se a tecnologia irá contribuir no desenvolvimento de uma criança com TEA?

R: O que você está me perguntando aqui é uma pergunta de pesquisa, então eu acho que na questão 6, vocês deveriam recorrer à literatura para saber mais, sem querer ser pessimista acho que não tem um tempo determinante, que fale que depois de 6 meses, depois de 1 mês, dentro da análise do comportamento a gente trabalha com N igual a 1. Existem crianças que podem se adaptar com uma semana e crianças que não vão se adaptar, é uma pergunta de pesquisa e que provavelmente pode ter essa resposta na literatura, eu particularmente não sei.

7. Cite alguns relatos positivos ou negativos caso possua, de crianças com tecnologia.

R: Por exemplo, crianças que levam o videogame para a seção, eu consigo trabalhar tanto habilidades sociais, resistência à frustração e outras coisas dentro do jogo cooperativo, a empatia é uma das coisas que acaba entrando, a interação social, então quando eu tenho acesso ao vídeo game dentro da seção, é bastante vantajoso para mim e para a criança, chamamos isso de atividade ecológica, porque dentro daquela atividade eu consigo fazer uma análise e consigo trabalhar com aquela criança dentro de um contexto real, que é o jogo e várias habilidades que o jogo está relacionando, além de avaliar qual é a capacidade dessa criança por exemplo, de resolver problemas que o jogo vai colocando. Um ponto negativo que eu vejo é que as crianças basicamente começam a desenvolver um repertório muito restrito, então ela o que eu acabo observando na clínica é que elas ficam com hiper foco no videogame e aquilo que deveria ser positivo acaba se tornando negativo ou seja, ela começa a diminuir seu repertório em habilidades sociais e começa a

ter algumas frustrações, ela não consegue lidar, principalmente em perder ou por não conseguir executar alguma tarefa, aí os problemas emocionais começam a ficar mais evidente.

8. Em sua opinião, aplicativos podem se tornar um aliado para o suporte profissional de crianças com TEA, não sendo apenas uma recreação?

R: Eu acho que sim, na verdade o que vem sendo demonstrado nas pesquisas principalmente dentro da análise aplicada do comportamento, é que a tecnologia está ajudando bastante principalmente para o treino de cognição social, tem vários aplicativos e vários programas de ensino que cognição social, eu vejo que a equivalência de estímulos também é uma área que está crescendo tanto o pessoal da UFSCar, da universidade de Wisconsin, eles trabalham com aplicativo bastante específicos para crianças, adolescentes e adultos com TEA em graus assim bastante diferentes. A tecnologia nesse contexto está dando bastante resultado, entretanto eles são programas que ajudam no desenvolvimento é de algumas habilidades comportamentais na criança, no repertório da pessoa, não necessariamente é um jogo, pode ser atividades, com ensino de leitura, da fala, que passa por essas tecnologias, tudo dentro de um campo experimental.

9. Qual a faixa etária indicada para uma criança com TEA iniciar o contato com a tecnologia?

R: Bom, é uma pergunta bastante específica, eu não tenho essa informação para te dar, o que a gente tem hoje é um documento da Sociedade Brasileira de Pediatria, que recomenda o uso de eletrônicos para crianças, é o único documento que temos de recomendação, quantas horas a criança vai passar, se ela pode acessar determinados aplicativos ou não e quais os impactos cognitivos e comportamentais que essa criança vai ter. Esse é o único documento que você encontra na internet. Para uma criança típica, que não tem nenhum transtorno relacionado, para uma criança com TEA, talvez você encontre essa resposta que você está me perguntando na literatura, porque eu também não tenho, o que eu acabo seguindo na clínica são os documentos da SBP.

10. A criança com TEA tendo uma resposta positiva com o aplicativo proposto, você indicaria para outros pais/responsável e profissionais, para conhecê-lo?

R: Todo tipo de recomendação, tem que ter uma função, se eu tivesse crianças que tivessem demandas muito parecidas eu indicaria, agora não é porque é uma criança com TEA que eu vou indicar um aplicativo por exemplo, para estímulo cognitivo, porque tem crianças por exemplo, que não precisam dessa

estimulação, vamos para o treino de cognição social por exemplo, se o aplicativo tiver uma função específica dentro da seção eu recomendo.